



NUTRIÇÃO, COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR

André G. Cintra (MV, Prof. Esp.)

Autor dos livros "Alimentação Equina: Nutrição, Saúde e Bem-estar" e "O cavalo: Características, Manejo e Alimentação" e coautor do livro "Manual de Gerenciamento Equestre: Textos, Tabelas e Planilhas"

Contato: agcintra@gmail.com • Site: www.andrecintra.vet.br • Instagram: [@andregcintra](https://www.instagram.com/andregcintra) • YouTube: [André G. Cintra](https://www.youtube.com/AndréG.Cintra)



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

MANEJO E NUTRIÇÃO DE RECEPTORAS

Colaboração:

Dra. Gabriela Pombo (Zootecnista)

A alimentação ideal é baseada em dois aspectos: CIÊNCIA e ARTE. A ciência nos dá informações baseadas em pesquisas científicas. A arte é a habilidade de colocar essas informações em prática conforme as necessidades particulares de cada animal

(Harris et al., Equine nutrition and metabolic disease, in The Equine Manual, Higgins & Snyder, 2006)

Um dos maiores riscos do sucesso de um programa reprodutivo está na alimentação de éguas receptoras, muito negligenciada pela grande maioria dos plantéis brasileiros, quer sejam haras ou mesmo centrais de reprodução.

A regulação do sistema hormonal e o bom funcionamento do sistema reprodutivo de uma égua receptora (assim como de todos os sistemas do organismo) dependem fundamentalmente de um equilíbrio nutricional proporcionado a estas éguas

durante toda sua vida reprodutiva.

Uma das principais causas de infertilidade das éguas reprodutoras está ligada aos desequilíbrios nutricionais. Cerca de 80% dos problemas de infertilidade, de uma maneira ou de outra, podem ser atribuídos a uma alimentação desequilibrada. A má nutrição é um dos maiores responsáveis pela infertilidade da égua, mas é comum os criadores subestimarem a sua importância. Alguns proprietários, criadores e até mesmo técnicos especializados em equinos, infelizmente, parecem ter muitas vezes uma ideia contrária, chegando mesmo a deixar suas receptoras em estado lamentável. É comum ainda alguns afirmarem que a parte reprodutiva da égua é o cerne de sua vida, sua razão de ser, então tudo o que o organismo do animal produzir será destinado ao seu sistema reprodutivo, em detrimento de outras funções (sim, já ouvimos isso de colegas...). Primeiro, isso não passa de uma inverdade, pois a falta de nutrientes compromete seriamente a reprodução; depois, mesmo que fosse verdade, deixar um animal mal alimentado não é algo recomendável, muito menos uma atitude aceitável por parte de profissionais sérios e competentes.

Quando falamos de alimentar uma égua em reprodução, jamais devemos pensar no animal em si, de sua qualidade e potencial genético, de sua campanha e de sua performance em pista, devemos sim pensar em quais são suas reais necessidades nutricionais.

O grande erro que se comete é pensar que as receptoras, por serem éguas de descarte de outros plantéis, de serem de baixo valor zootécnico, não devem ser bem tratadas. Enquanto a égua doadora, grande campeã da raça, de alto valor financeiro e zootécnico recebe ração de primeiríssima qualidade em grande quantidade, capim e feno do melhor, além de diversos suplementos, em geral, a receptora recebe o que há de pior na propriedade, ficando com os piores pastos e a pior suplementação. Isso quando as tem.

As necessidades diferenciais de uma égua reprodutora são totalmente voltadas para o produto que ela carregará em seu ventre, afinal de contas, para ela, o mínimo para manutenção é suficiente. Mas, a partir do momento em que ela carrega um potro em seu ventre, este possui necessidades específicas que devem ser adicionadas à alimentação da égua para que o potro possa se desenvolver corretamente, necessidades estas que devem ser supridas por toda a gestação até o desmame do potro.

A ciência da nutrição é baseada na oferta de nutrientes que deve atender a dois pontos fundamentais:

- I) Manutenção da vida com saúde;
- II) Ao estado fisiológico diferenciado a que submetemos o animal.

Ou seja, o que ofertamos a qualquer cavalo deve servir

para atender a seu estado de manutenção com um adicional para atender esse estado fisiológico, no caso, gestação e lactação. Quer dizer que, alimentar uma égua em reprodução, é alimentar o potro, focando no crescimento e desenvolvimento do principal objetivo de um planejamento reprodutivo, que é o potro, em todas as suas fases.

Mas quem é a receptora e a doadora de embrião?

A égua doadora de embrião é de altíssimo valor zootécnico e financeiro. Dela, são retirados os embriões que deverão ser implantados na receptora, por isso, a receptora de embriões é de baixo valor zootécnico e financeiro. Com base nessa breve definição, pode-se dizer que a égua doadora, desde que não exerça atividade física de atleta, é um animal que, nutricionalmente falando, não tem necessidades além daquelas de um animal em manutenção, isto é, água fresca e limpa, sal mineral específico e volumoso em quantidades de 1,4 a 1,7% de MS em relação ao peso são mais que suficientes para manter esse animal com saúde.

Por outro lado, aquela égua que, apesar de seu baixo valor, leva em seu ventre um embrião valiosíssimo tem necessidades que devem ser supridas com o fornecimento de concentrados e suplementos específicos, para que o embrião possa se desenvolver bem e, assim, nascer um potro saudável. E antes mesmo da concepção, esta deve ser bem tratada, pois ciclar de forma regular requer nutrientes equilibrados. E não estamos falando de ofertar quantidades de rações e suplementos que elevem o custo de manter esses animais, mas sim de ofertar o básico conforme citado acima para as doadoras, isto é, água fresca e limpa, sal mineral específico e volumoso adequado, de qualidade mínima, em quantidades de 1,4 a 1,7% de MS em relação ao peso, para manter esse animal com saúde.



Figura 1: Escore corporal ideal de uma receptora em início de estação de monta (Fonte: Arquivo Pessoal)



Figura 2: Escore corporal comum de observarmos em receptoras (Fonte: Odilon Marques, MV)



Figura 3: Escore corporal ruim, magro, observado em receptora em final de gestação (Fonte: Odilon Marques, MV)



Figura 4: Quando o escore corporal é ruim ao final da gestação, na primeira fase de lactação isso se reflete tanto na égua quanto no potro, pois a produção leiteira também fica comprometida (Fonte: Arquivo Pessoal)



Figura 5: Essa égua já pariu, com escore corporal ruim, muito acima do peso, o que compromete a produção leiteira e o crescimento e desenvolvimento do potro, favorecendo as doenças ortopédicas desenvolvimentares (Fonte: Arquivo Pessoal)

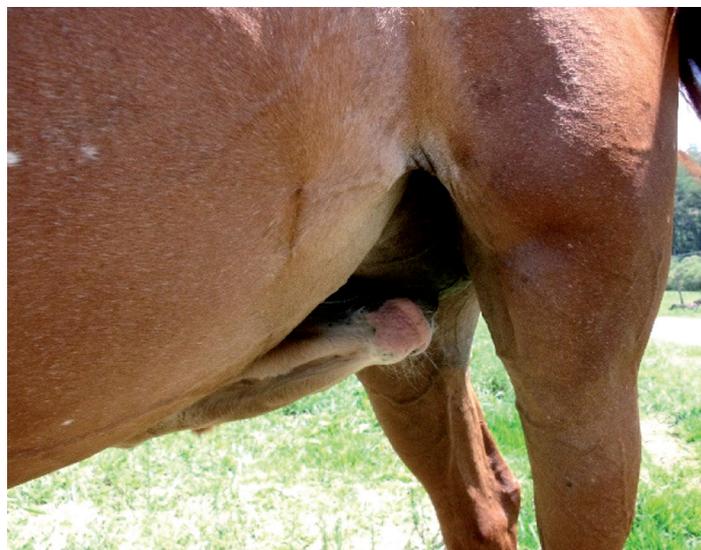


Figura 6: Uma boa alimentação da égua durante toda a gestação e lactação favorece uma boa produção leiteira e consequente ótimo crescimento e desenvolvimento do potro (Fonte: Arquivo Pessoal)

O Bom Manejo

Profissionais da área deparam cada vez mais com situações em que o proprietário ou criador exige conhecimento mais aprofundado e direcionado para conseguir uma melhor performance de seus animais. Para se conseguir essa melhoria no desempenho, qualquer que seja a categoria, deve-se buscar um equilíbrio entre os pilares que sustentam o sucesso da criação e do esporte.

Nos animais de criação, o equilíbrio é conseguido entre genética, manejo e alimentação.

A genética é um fator limitante muito importante para que a alimentação e o manejo possam produzir um animal acima da média, e a recíproca também é verdadeira, sendo que a alimentação, o manejo ou o treinamento podem limitar drasticamente uma excelente seleção genética.

O manejo diário do cavalo, independentemente da categoria, deve ser uma tarefa delegada a pessoas competentes. Essa competência não pode ser traduzida como alto nível de escolaridade ou elevado nível social, mas deve-se buscar pessoas interessadas, abertas a novos conhecimentos, tranquilas, que realmente gostem de cavalos e que sejam atentas aos detalhes do cotidiano, pois estes podem fazer a diferença. Tanto assim que, hoje em dia, é muito comum encontrar, em haras, centros de treinamento, hípicas e centrais de reprodução, mulheres trabalhando com equinos, principalmente nos serviços que exigem maior atenção, como responsáveis pelos detalhes da rotina diária, pelo fornecimento de suplementos e pela supervisão dos trabalhos, quando necessário. As mulheres, em geral, são mais atentas e preocupadas com os pequenos detalhes, além de terem muito mais paciência no manejo diário, sendo mais gentis com os animais, o que definitivamente faz a diferença no resultado do desempenho do animal ou do sistema de criação.

O cavalo, como qualquer ser vivo, é muito suscetível ao humor de quem o trata. Portanto, se o tratador não souber separar o trabalho da vida pessoal, talvez o cavalo apresente mais problemas que benefícios. O despreparo do profissional pode levar a situações quase irreversíveis para o equilíbrio mental do cavalo, que irão interferir na forma de ingestão e absorção de nutrientes, comprometendo a performance do animal. E quantas centrais de reprodução não conhecem suas éguas apenas "pela bunda", apenas quando vão ser palpadas? Já nos deparamos, de forma recorrente, com receptoras que mal são cabresteadas, e quando o são, têm comportamento aversivo ao homem, pois suas experiências nunca, ou raramente, foram boas.

Alimentação Equilibrada

A alimentação básica do cavalo deve ser composta de no mínimo 50% de volumoso, sob diversas apresentações, e o restante pode ser distribuído entre ração concentrada e suplemento, dependendo principalmente das necessidades do animal. Mas, lembre-se que, quanto mais volumoso o cavalo tiver disponível, melhor sua saúde digestiva com consequências favoráveis sistêmicas. Mais que levar em consideração todos os fatores que podem exigir este ou aquele alimento, deve-se observar com atenção as reais necessidades do animal, ofertando a ele aquilo de que realmente precisa.

Para isso, a boa alimentação se inicia com a nutrição: são calculadas as necessidades médias do animal conforme o peso e a categoria, passa do pelo equilíbrio entre essas carências e a oferta de nutrientes dos alimentos disponíveis.

O equilíbrio parte da escolha de um bom volumoso, da melhor ração concentrada e estende-se até o possível uso de suplementos, buscando otimizar e potencializar o desempenho do animal.

Uma boa alimentação deve ser composta de matérias-primas nobres, buscando oferecer ao animal o melhor valor nutricional e variando o mínimo possível a composição da dieta total, o que tende a garantir a qualidade do produto. Deve-se evitar a constante alteração do tipo de alimento fornecido pois, quanto menos se altera a dieta básica, melhores são os resultados. O uso de volumoso, concentrado ou suplemento de qualidade duvidosa, por uma questão de custo, certamente compromete o resultado. Por outro lado, o uso de produtos de qualidade, inclusive volumoso, possibilita uma economia na quantidade de alimento ofertada para suprir as necessidades do cavalo.

Uma alimentação equilibrada possibilita a uma égua receptora manter ótimo status corporal, nem obesa, nem magra em demasia, de maneira que seu ciclo estral seja bem definido, com boa formação de corpo-lúteo, que lhe possibilitará manter uma gestação com bom desenvolvimento embrionário e fetal. Mas, antes de tudo, uma boa alimentação de receptoras no período que antecede a concepção possibilita que entrem no cio regularmente, bem como respondam a uma terapia hormonal de modo eficaz, fator preponderante em uma transferência de embrião.

O fornecimento de quantidade adequada e equilibrada de proteína, energia, vitaminas e minerais, mesmo para um animal em manutenção, é fundamental para que a égua tenha um bom desempenho reprodutivo.

As necessidades de uma égua reprodutora vazia e até o 4º mês de gestação são semelhantes às de um animal em manutenção, isto é, energia baixa, de 16,4 Mcal por dia (animal de 500 kg de peso), proteína bruta em 630 g por dia, mas de excelente qualidade e com boa quantidade de aminoácidos disponíveis, e quantidades mínimas, mas suficientes, de vitaminas e minerais, estes mais que essenciais ao bom funcionamento hormonal e fisiológico de qualquer organismo. Isso é facilmente conseguido com uma pastagem de boa qualidade, uma boa suplementação com sal mineral específica para equinos e, eventualmente, uma suplementação com ração de boa qualidade. Observe uma alteração na data com que devemos começar a nos preocupar com um aporte diferenciado na nutrição das éguas, já ressaltado pelo NRC (2006). Estudos têm demonstrado que melhorias no planejamento nutricional, sem exageros, a partir do 5º mês de gestação trazem modulações importantes no desenvolvimento do potro que devem se refletir ao longo da vida adulta.

Na prática, porém, não é isso que se observa na maioria dos criatórios. Como muitos criadores mantêm uma quantidade muito elevada de éguas receptoras para um programa de transferência de embriões, para facilitar o manejo, elas devem ficar próximas do local onde será efetuado o processo, e, em geral, os proprietários as mantêm em uma pastagem de baixa

qualidade, superlotada, muitas vezes com quantidades de alimento aquém das necessidades mínimas do plantel. Para piorar, eles "suplementam" a alimentação com um farelinho de trigo, eventualmente misturado ao rolão de milho ou quirera, ou ainda com ração de baixíssima qualidade, para baratear os custos. Já vimos em centrais de reprodução o uso em larga escala de cevada úmida (único alimento) ou mesmo de silagem de milho (com todos os problemas que isso acarreta, comprovado em diversos trabalhos). Isso acarreta um grave desequilíbrio nutricional que certamente prejudicará todo o processo de transferência de embriões.

Trata-se de um modo de economia equivocado, pois economiza-se de um lado, gastando-se muito mais de outro, visto que serão necessárias mais coletas e mais transferências para o sucesso de um embrião transplantado.

Quando se fala em alimentar uma égua em reprodução, jamais se deve pensar no animal em si, de sua qualidade e seu potencial genético, de sua campanha e seu desempenho em pista, mas, sim, em quais são suas reais necessidades nutricionais.

As necessidades diferenciais de uma égua reprodutora são totalmente voltadas para o produto que ela carregará em seu ventre, visto que, para ela, apenas o mínimo para manutenção é suficiente. Todavia, a partir do momento em que carrega um potro em seu ventre, este tem necessidades específicas que devem ser adicionadas à alimentação da égua para que possa se desenvolver corretamente; necessidades que devem ser supridas por toda a gestação até o desmame do potro.

E os estudos mais recentes, apresentados pela Dra. Gabriela Pombo na Abreveq (2024), demonstram ainda maior relevância quando se leva em consideração a epigenética. Inicialmente utilizado para preencher uma lacuna entre genética e biologia do desenvolvimento, o termo "epigenética" evoluiu ao longo dos anos para identificar fatores hereditários capazes de modificar fenótipos independente de mudanças na sequência de DNA. No nível molecular, epigenética geralmente descreve modificações pós-traducionais no DNA, proteínas histonas e nas moléculas de RNA não codificantes que exercem controle regulatório de expressão gênica. Uma ferramenta que colabora com essas modificações é a "programação fetal", que são mudanças no desenvolvimento que ocorrem na vida uterina e que persistem pela vida e até nas futuras gerações. Grande parte dessas mudanças ocorrem no início da gestação, no primeiro terço. Ou seja, alimentar mal uma receptora, os estudos comprovam, pode afetar drasticamente o desempenho esportivo das próximas gerações, expressos mais intensamente nos filhos do embrião que passa por algum "trauma nutricional" no período gestacional, especialmente no primeiro terço. Porém, apesar dessa expressão gênica ser extremamente relevante e fundamental na performance das gerações futuras, não quer dizer que devemos superalimentar essas éguas, pois isso pode gerar problemas também, pois os excessos são tão prejudiciais quanto as deficiências. Na prática, o que devemos fazer é ofertar alimentos de qualidade por toda a vida do ani-

mal, e, para ter melhor probabilidade de gerar um campeão, incluir todas as fases reprodutivas das receptoras nesse rol de cuidados.

Fases Nutricionais da Vida Reprodutiva Equina

Éguas em reprodução são aquelas que já estão em estágio de crescimento adequado para receber e desenvolver adequadamente um potro em seu ventre. Isso se dá por volta dos 3 anos de idade, na maioria dos casos. A partir dessa idade, estando o animal apto e em condições físicas, pode ser colocado em reprodução.

Um bom manejo reprodutivo começa com a apresentação de animais em bom estado de saúde e com um status corporal adequado para o regime reprodutivo.

Aproximadamente metade da energia consumida pelas éguas em reprodução por meio da alimentação é destinada ao metabolismo basal, sendo o restante reservado para o crescimento e o desenvolvimento do potro, seja no período intrauterino, seja pelo leite, no período lactente.

As éguas reprodutoras têm quatro ciclos nutricionais bem distintos, sendo dois durante a gestação e dois durante a lactação. Quando ocorre déficit na alimentação no período gestacional, podem surgir problemas na ovulação, como cio não fértil, na nidação, no desenvolvimento da gestação e, consequentemente, na viabilidade do feto. Se o déficit nutricional for por um período prolongado ou muito intenso, podem ocorrer abortos, que predisõem a complicações infecciosas que comprometem a fertilidade, e ao nascimento de prematuros ou de potros fracos, pouco resistentes, que ficam sujeitos à natimortalidade.

Uma alimentação equilibrada da égua a partir do 5º mês até o parto é fundamental para que este possa transcorrer normalmente. Uma égua com excesso de peso terá dificuldade durante o trabalho de parto; já uma égua mal alimentada não terá contrações adequadas. A má nutrição da égua, quer seja pela deficiência quer pelo excesso de nutrientes, refletirá no peso do potro ao nascer e na qualidade do colostro e do leite, podendo prejudicar o tamanho do cavalo adulto. Muitos defeitos de apurmos podem se originar na vida intrauterina. Já se sabe que éguas alimentadas com altas fontes de amido durante a gestação tem 44% de chances de desenvolver potros com doenças osteoarticulares.

Um ajuste na alimentação da égua em reprodução se faz necessário para evitar o aparecimento de problemas como redução das chances de fecundação, retardo do ciclo normal nos anos subsequentes e baixo número de potros nascidos no decorrer da vida reprodutiva da égua. Para evitar a infertilidade de origem nutricional, a dificuldade pode estar na detecção do erro na dieta, devendo-se adequar os aportes energéticos, proteicos, minerais e vitamínicos conforme as necessidades do animal. Essa detecção começa pela estimativa das necessidades nutricionais do animal, passa pela avaliação dos valores nutricionais dos alimentos disponíveis e termina no balanceamento correto da dieta.

No período de gestação, a égua deverá ganhar de 13 a 18% de peso, desde que esteja, já no início da gestação, em seu estado corporal ótimo. Esse ganho é dividido em 3 a 5% na primeira fase (até o oitavo mês de gestação) e 10 a 13% na fase final (terço final da gestação).

A égua tem necessidades pouco superiores à manutenção no início da gestação e no final da lactação, especialmente proteicas no final da gestação e muito acentuadas, sobretudo energéticas, no início da lactação. O fornecimento de minerais e vitaminas por todo o período de gestação/lactação é fundamental para o bom crescimento do esqueleto do potro. Tanto deficiências proteicas na lactação como excessos energéticos levarão a uma queda na produção leiteira, com consequente diminuição no crescimento e no desenvolvimento do potro neonato.

De qualquer modo, é importante ressaltar que tais necessidades, sempre acompanhadas de um aporte mineral e vitamínico adequado, muitas vezes somente podem ser conseguidas com uma complementação de concentrados, pois a capacidade da égua de ingestão de volumoso não atende de maneira adequada às necessidades nessas fases de vida reprodutiva. Certamente, a manutenção de uma égua apenas a pasto, sem fornecimento de complementos nutricionais, não impedirá a gestação ou mesmo o parto e o crescimento do potro, porém este não terá todo o seu potencial genético exteriorizado, tendo um crescimento e um desenvolvimento menores do que teria se o aporte de nutrientes fosse feito da maneira mais equilibrada possível. Pensando em genômica nutricional, éguas que só receberam forragens ao longo da gestação, produziram potros com menores alturas e pesos, porém, seus potros apresentaram menores valores de insulina até os 18 dias de vida.

Se, no período final da gestação, o animal estiver em um estado ótimo, haverá melhor maturidade do feto, maior qualidade do colostro, aumento da produção leiteira e da atividade ovariana, favorecendo uma nova gestação. Por outro lado, o fornecimento exagerado de alimentos para a égua no terço final da gestação, com ganho de peso em excesso, proporcionará, no momento do parto, perda demasiada de peso e dificuldade no parto, ocasionando o nascimento de um potro frágil e uma queda na produção leiteira, com consequente prejuízo reprodutivo subsequente.

Alimentação da Égua em Gestação

• Primeira Fase de Gestação (1º ao 8º mês)

Após a fecundação, a égua deve manter seu peso, ou engordar se estiver muito magra. As necessidades da mãe são ligeiramente superiores às de manutenção, sendo necessário de 1,4 a 1,7% de matéria seca (MS) em relação ao peso do animal.

Nessa fase, ocorre um crescimento de cerca de 30% do tamanho do feto. Isto é, um potro que deverá nascer com 50 kg de peso, nesse período, irá crescer somente 15 kg, repre-

sentando muito pouco em termos nutricionais para a mãe. (Obs.: estima-se que um potro saudável deve nascer com cerca de 10% de seu peso ideal quando adulto).

Um volumoso de ótima qualidade, água fresca e limpa à vontade, mineralização adequada e um mínimo de concentrado de qualidade são suficientes para suprir suas necessidades nessa fase.

A melhor resposta nutricional para a égua é quando a preocupação com um aporte adequado ocorra a partir do 5º mês, com ligeiro acréscimo de nutrientes para melhor desenvolvimento e crescimento do potro no terço final.

• Segunda Fase de Gestação (9º ao 11º mês)

Nessa fase, ocorre um aumento muito grande das necessidades nutricionais da égua. Há um crescimento de 70% do tamanho do feto nesse período.

Aquele potro que, no período anterior, cresceu somente 15 kg em 8 meses, neste período de 3 meses crescerá cerca de 35 kg, exigindo muito de sua mãe.

A alimentação fetal é prioritária em relação à da mãe, inversamente ao que ocorre no início da gestação: está sendo definido todo o "futuro potencial" do potro, isto é, todo o potencial genético de crescimento do potro é preparado nessa fase.

Nesse período, também, a égua deve adquirir uma reserva corpórea para que, no início da lactação, não ocorra uma perda excessiva de peso decorrente das elevadas necessidades energéticas dessa fase.

Por causa do excesso de gordura da mãe e do feto, deve-se ter cuidado com os abusos alimentares, que podem acarretar problemas graves, como dificuldades no parto, nascimento de um potro frágil por anoxia e diversas complicações associadas, como retenção de placenta e metrite.

O bom estado corporal da égua no momento do parto eleva consideravelmente as possibilidades do nascimento de um potro saudável e com ótimo desenvolvimento pós-natal.

Uma complementação concentrada adequada no final da gestação tem vantagens para compensar a queda de apetite momentos antes do parto, possibilitando manter o bom estado corporal, estimular o desenvolvimento fetal, assegurando o nascimento de um potro saudável e maduro, ativar a produção de imunoglobulinas para a produção de um colostro de excelente qualidade, que cause ótima proteção anti-infecciosa para o potro, e promover alta produção leiteira favorável ao crescimento inicial do potro.

A quantidade de proteína do concentrado, dependendo do volumoso utilizado, pode ser de 15 a 16%, e a energia, mediana, sendo o extrato etéreo variável de 3 a 5%. É necessário lembrar que, quanto maior o valor do extrato etéreo, melhor será a qualidade da energia e menor poderá ser a quantidade de ração oferecida. De qualquer maneira, uma alimentação balanceada passa pelos cálculos de necessidades nutricionais do animal e pela oferta de nutrientes oriundos da alimentação, buscando-se o melhor equilíbrio entre eles.

Alimentação de Éguas em Lactação

• Início da Lactação (1º ao 3º mês)

Os aportes alimentares para a égua em início de lactação são muito mais elevados que no período de gestação.

Com relação a seu peso, essa categoria tem uma necessidade de 2,3 a 3% de MS, sendo a categoria que mais exige consumo de alimentos pelo equino.

Um bom equilíbrio alimentar, que ofereça ao animal as quantidades e as qualidades necessárias de nutrientes, deve ser adequado ao seu estado físico e à sua produção leiteira e propiciar a manutenção de um peso corporal próximo do ótimo, que favoreça a sua fertilidade.

Nessa fase, são utilizadas as reservas corpóreas da gestação, porém estas são pequenas, suficientes apenas para que o animal não emagreça acentuadamente, desde que receba nutrientes em quantidade e qualidade adequadas; caso contrário, o aparecimento de carências certamente ocorrerá, com consequências nefastas para o potro e para o futuro reprodutivo da égua.

As exigências energéticas estão muito aumentadas, pois a égua é uma excelente produtora leiteira. As éguas de raças médias (Mangalarga, Quarto de Milha, Campolina etc.) produzem em média 15 a 17 litros de leite por dia, podendo chegar a picos de 20 a 22 litros, enquanto as raças de tração pesada (Bretão, Percheron) chegam a 25 litros diários, podendo ter picos de 30 a 32 litros.

A suplementação com concentrados se faz necessária, pois, além de tudo, a égua pode estar prenhe nessa fase. Portanto, a égua tem tripla função: manutenção, lactação e nova gestação.

A quantidade de proteína do concentrado pode ser de 15 a 16% de PB, e a energia deve ser de mediana a alta, com extrato etéreo de 3 a 5%; lembrando sempre que, quanto maior a proteína e a energia do concentrado, menor poderá ser a inclusão de concentrado na dieta.

Estudos demonstraram que éguas suplementadas com fontes de ômega 3 e 6 no terço final da gestação e nos primeiros 3 meses de lactação, melhoraram o perfil de ácidos graxos insaturados no colostro e no leite, melhorando perfil nutricional do alimento que vai chegar ao potro.

Nessa fase, o potro é nutrido basicamente pelo leite, apesar de ingerir volumoso e até ração, daí a importância de uma boa produção leiteira pela égua. Quanto mais leite a égua produzir, melhor será o crescimento e o desenvolvimento do potro.

• Final da Lactação (4º ao 6º mês)

As necessidades da égua caem drasticamente, pouco acima das necessidades de manutenção. Nesse período, a produção leiteira reduz-se quase à metade do início da lactação e o potro já está se alimentando de capim ou feno, que suprem parte de suas necessidades.

Do ponto de vista fisiológico, por meio de uma suplemen-

tação de concentrado e volumoso adequada, a partir dos 6 meses de idade, o potro já pode ser desmamado sem prejuízo para seu crescimento e seu desenvolvimento, deixando a égua livre para manter-se e finalizar uma nova gestação (que já deve estar ao redor de 4 a 5 meses).

O desmame precoce traz algumas vantagens para a égua, tais como menor exigência de nutrientes (pode-se reduzir ou até cortar a ração), possibilitando que ela se prepare por mais tempo para o próximo potro. Para o potro, o desmame precoce não traz nenhuma vantagem, nem física nem, especialmente, psicológica, podendo inclusive comprometer seu aprendizado e sua segurança no meio em que vive.

Conclusão

Um ajuste na alimentação da égua em reprodução se faz necessário para evitar o aparecimento de problemas como:

- Redução das chances de fecundação.
- Retardo do ciclo normal nos anos subsequentes.
- Baixo número de potros nascidos no decorrer da vida reprodutiva da égua.
- Potros mal criados, quer seja pela deficiência, quer seja pelo excesso de nutrientes durante a gestação e lactação.

Para prevenir a infertilidade de origem nutricional, a dificuldade prática reside na detecção do erro no arrazoamento, onde devemos adequar os aportes proteicos, energéticos, minerais e vitamínicos conforme as necessidades do animal.

